



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

PETRÔNIO LÚCIO DOS SANTOS

**A MAGIA DO CINEMA: REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DO CINEMA NA
EDUCAÇÃO**

**GUARABIRA
2019**

PETRÔNIO LÚCIO DOS SANTOS

**A MAGIA DO CINEMA: REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DO CINEMA NA
EDUCAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Linha de Pesquisa: Fundamentos da Educação e Formação Docente

Orientadora: Profa. Dra. Verônica Pessoa da Silva.

**GUARABIRA
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237m Santos, Petronio Lucio dos.
A magia do cinema [manuscrito] : reflexões sobre a importância do cinema na educação / Petronio Lucio dos Santos. - 2019.
29 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Verônica Pessoa da Silva, Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."
1. Cinema. 2. Aprendizagem. 3. Formação Docente. I.
Título

21. ed. CDD 791.43

PETRÔNIO LÚCIO DOS SANTOS

**A MAGIA DO CINEMA: REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DO CINEMA NA
EDUCAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia
pela Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito à obtenção do título de Licenciado
em Pedagogia.

Linha de Pesquisa: Fundamentos da Educação
e Formação Docente

Orientadora: Profa. Dra. Verônica Pessoa da
Silva.

Aprovada em: 19/11/2019.

BANCA EXAMINADORA

Verônica Pessoa da Silva

Profa. Dra. Verônica Pessoa da Silva (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/CH/DE)

Débora Regina Fernandes Benício

Profª. Me. Débora Regina Fernandes Benício
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/CH/DE)

Sheila Gomes de Melo

Profª. Me. Sheila Gomes de Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/CH/DE)

Primeiramente, a Deus, pois, sem Ele, jamais teria
chegado aqui; a minha tia, aos meus filhos e colegas,
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Não foi fácil chegar até aqui! Inúmeras dificuldades surgiram durante toda minha trajetória escolar. A Deus, primeiramente, sou grato: pelo dom da vida e, por todo o cuidado para comigo.

A minha tia, Maria Francisca, exemplo de mulher que teve papel fundamental como tia, mãe e pai, base fundamental de minha sustentação.

A Vanuza Maria Monteiro por sempre está ao meu lado dando-me força.

A amiga e professora Davila Cristina da Silva Nepomucena Nogueira

Ao amigo Juliano dos Santos Pinto.

Aos amigos do Grupo espírita as Almas se Encontram.

A professora. Dr^a Veronica Pessoa da Silva, minha orientadora, qual me inspirou e me deu forças nas tomadas de decisões, contribuindo também na minha formação.

As professoras, Débora Regina Fernandes Benício e Sheila Gomes de Melo por participarem de minha banca examinadora, e que contribuíram na minha formação.

Aos colegas da turma de Pedagogia 2015.1, noite, em especial Silvaneide, Fernanda Cordeiro, Julyane Flavia, Katia da Cruz, Andrezza Borges e Valquiria.

Enfim, sou grato a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, em minha jornada acadêmica.

“O cinema não tem fronteiras nem limites. É um fluxo constante de sonhos.”
(Orson Welles)

A MAGIA DO CINEMA: REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DO CINEMA NA EDUCAÇÃO

Petrônio Lúcio dos Santos¹

RESUMO

Nesta pesquisa, realizamos um estudo sobre a importância do cinema como recurso pedagógico e incentivo no processo de aprendizagem. Observamos que mesmo que as instituições educacionais tenham em seu currículo o ensino das artes, o cinema como linguagem artística de ensino não é muito utilizado como recurso pedagógico. Desta forma, o estudo sobre as abordagens e as metodologias do ensino da arte, da comunicação e da própria pedagogia do cinema, são os principais deste trabalho. Ele se estrutura a partir do caráter qualitativo, com cunho bibliográfico, utilizando teóricos como: Bergala (2008), Silva (2007), Modro (2006), Blasco (2006), entre outros. Os resultados apontam para a importância da aplicação das bases de estudo sobre metodologias que facilitem e potencializem o processo de ensino e aprendizagem dos educandos através do cinema.

Palavras-Chave: Cinema. Aprendizagem. Formação Docente.

¹ Aluno de Graduação em Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III. Email: petroniolucio90@bol.com.br

THE MAGIC OF CINEMA: REFLECTIONS ON THE IMPORTANCE OF CINEMA IN EDUCATION.

ABSTRACT

This research, we conducted a study about the importance of cinema as a pedagogical resource and encouragement in the learning process. We note that even though educational institutions have in their curriculum the teaching of the arts, cinema as an artistic language of teaching is not widely used as a pedagogical resource. Thus, the study of the approaches and methodologies of art teaching, communication and cinema pedagogy are the main ones of this work. It is structured from the qualitative character, with bibliographic nature, using theorists as: Bergala (2008), Silva (2007), Modro (2006), Blasco (2006), among others. The results point to the importance of applying the study bases on methodologies that facilitate and enhance the process of teaching and learning of students through the cinema.

Keywords: Cinema, apprenticeship, Teacher training.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. METODOLOGIA.....	11
3. A ORIGEM DO CINEMA: BREVE REFLEXÕES.....	11
3.1 A chegada do cinema no Brasil.....	12
3.2 Breve histórico do cinema em Alagoa Grande.....	15
3.3 O contato com o cinema em minha infância	17
4. CINEMA E EDUCAÇÃO	19
4.1 Cinema na escola: Aspectos legais.....	21
4.2 A importância do cinema como uma forma de conhecimento sobre o mundo.....	23
4.3 Cinema enquanto prática educativa: Ensinando e aprendendo novas lições.....	24
4.4 A Pedagogia e o cinema: novos elementos em cena.....	25
5. CONCLUSÃO.....	26
REFERÊNCIAS	29

|

1. INTRODUÇÃO

O incentivo para desenvolver esta pesquisa surgiu inicialmente a partir das lembranças que adquirir durante a infância, e quando adentrei no curso de Pedagogia consegui compreender como a arte, em particular o cinema, influenciou positivamente no desenvolvimento educacional. Como isso, temos como objetivo geral expor a importância do cinema como recurso pedagógico como incentivo no processo de aprendizagem.

Sabemos que a infância é um período do desenvolvimento humano de suma importância na formação histórica, crítica e social do sujeito. Neste trabalho utilizaremos como ponto de partida o nosso próprio referencial, apresentando um pouco da história que estava ao nosso redor, esboçando o olhar e o aprendizado que foi construído desde a infância, no que diz respeito ao interesse pelas artes, especialmente a direcionada a imagem, ao som e ao movimento: o cinema, dito com a sétima arte.

Desde a invenção do cinema, a ação propriamente dita de captar imagens em movimento esteve restrita aos grandes estúdios, às grandes produtoras e aos cineastas profissionais. É com a popularização das tecnologias digitais e da internet, nas décadas de 1990 e 2000, que um quantitativo muito maior de pessoas começou a se aventurar nos meios de produção das diversas formas e gêneros de audiovisuais (o cinema de ficção, os documentários, a videoarte).

Como sabemos, as instituições educacionais de nível fundamental e médio já possuem algum histórico no âmbito do ensino das artes: a dança, o teatro, a música, a pintura e a literatura já galgaram um espaço nelas. Já o cinema, após muitas discussões e divergências em suas primeiras décadas, adquiriu o status de arte. Desta forma, seria bastante enriquecedor para o aluno que o cinema se juntasse às outras linguagens artísticas no ambiente educacional, já que, de certa forma, a prática de produção de vídeos domésticos já vem sendo feita por tantos adolescentes e jovens de forma independente.

Diante deste panorama surgiu a principal questionamento de nossa pesquisa: utilizar o cinema como recurso auxiliar no ambiente escolar melhora no desenvolvimento Pedagógico de forma que o processo de ensino/aprendizagem se torne significativo e que haja benefícios para o aluno?

Para responder essa questão, nosso primeiro objetivo específico foi apresentar um histórico sobre o cinema internacional, no Brasil e local, com a intenção de expor os possíveis conceitos sobre cinema e o movimento da sétima arte. Para assim, melhor conceituar que ideia de cinema nós podemos utilizar em uma realidade escolar. Nosso segundo objetivo foi

identificar quais possíveis benefícios o ensino do cinema no contexto escolar pode trazer à formação do aluno.

A pesquisa está dividida em três capítulos: no primeiro discorreremos sobre a origem do cinema com uma visão internacional, nacional e local. No segundo capítulo, apresentamos a importância no cinema no processo educacional e ressaltamos a importância dessa arte para o campo da educação. No terceiro capítulo, enfatizamos o cinema enquanto prática educativa no ensino e aprendizagem em sala de aula, compreendendo as lições de vida que essa mídia de som e imagem pode trazer para a vida dos sujeitos em formação, os alunos.

2. METODOLOGIA

Para tanto, fizemos uso de uma metodologia de caráter qualitativo, de cunho bibliográfico, através da leitura de artigos, dissertações e periódicos que subsidiaram nossas buscas. Leituras como: Bergala (2008) Freud (2007), Blasco (2006), Modro (2006) entre outros teóricos, foram os marcos principais.

Esperamos, através deste estudo, contribuir para ampliar as bases de estudo sobre metodologias que facilitam e potencializam o processo de ensino e aprendizagem dos educandos.

3. A ORIGEM DO CINEMA: BREVE REFLEXÕES

No ano de 1892, o francês Léon Bouly conseguiu, a partir do Cinetoscópio, desenvolver o cinematográfico, um modelo que conseguia gravar e projetar a luz das imagens-movimento em tela, em quadros por segundo. Contudo, Bouly não possuía condições para registrar a patente do invento. O cinematográfico acabou por ser patenteado pelos irmãos Lumière, que passaram, a partir de 1895, a fazer várias produções cinematográficas de pequena capacidade e a exibi-las em sessões especiais.

A primeira exibição de filme feito por Auguste Louis Lumière ocorreu em 22 de março de 1895. O filme era intitulado “La Sortie de L’usine Lumière à Lyon” (A saída da Fábrica Lumière em Lyon) e registrava a saída dos funcionários do interior da empresa Lumière na cidade de Lyon, na França. Foi ainda com os irmãos Lumière que começaram as primeiras “direções cênicas” para o cinema (BOL. Origem do cinema). O cinematográfico logo passou a registrar não apenas cenas do cotidiano, mas também cenas dramáticas, elaboradas com certo nível de teatralidade, como bem atesta o sociólogo Morin na obra “o cinema, ou O homem imaginário”:

Mas, por sua própria natureza e desde o seu aparecimento, o cinematógrafo era essencialmente espetáculo: ele exhibia suas cenas a espectadores, para espectadores, e implicava assim a teatralidade que ele desenvolveria em seguida através da direção, da mine-em-scène. De resto, os primeiros filmes do cinetoscópio já apresentavam lutas de boxe, atrações de music-hall e pequenas cenas. O próprio cinematógrafo. Desde seu primeiro dia, já mostrava o homem que regava as plantas sendo regado pela mangueira ao mesmo tempo que o cinematógrafo (MORIN, 1997, p. 249).

Mas, seria nas três primeiras décadas do século passado que o cinema afirmar-se-ia enquanto arte. E isso ocorreu, sobretudo pela ação de artistas interessados em teatro. Mágica (ilusionismo) e todo tipo possível de efeito cênico. Um dos principais nomes dessa fase do cinema foi Georges Méliès, que dirigiu “Viagem à Lua” (baseada na obra do francês Júlio Verne) em 1902, conseguindo com esse filme, efeitos visuais verdadeiramente impressionantes para a época.

Georges Méliès foi o criador do espetáculo cinematográfico, e o primeiro a encaminhar o novo invento no rumo da fantasia, transformando a fotografia animada, que era um divertimento, em meio de expressão artística. Como afirma Ferraresi (2000) os precursores do cinema como obra de arte “(...) estavam mais interessados no estágio da síntese efetuada pelo projetor, pois era somente aí que se podia criar uma nova modalidade de espetáculo, capaz de penetrar fundo na alma do espectador, mexer com os seus fantasmas e interpretá-lo como ‘sujeito’.” Até esta invenção, usada por Méliès, os vídeos eram curtos, desde então o cinema começa a obter características de filme e as imagens começam a ser projetadas mais reais, chamando cada vez mais a atenção do público.

3.1 A Chegada do cinema no Brasil.

O século XX foi um momento privilegiado para o desenvolvimento da sétima arte. A partir de então as produções de cinemas, a nível mundial não pararam de crescer. Surgem gêneros, tais como os westerns, suspense, romance, épicos, históricos, ação e aventura, infantis, desenhos animados. No Brasil não foi diferente, como Duarte (2002) discorre:

O Brasil conheceu o cinematógrafo em 1896 e em 1898 já dava os primeiros passos no sentido de ter sua própria cinematografia. Entre 1908 e 1911, um grande número de curtas-metragens de atualidades, de vistas e paisagens e de longas-metragens de ficção foi realizado no país. Revistas musicais, dramas e, sobretudo, reconstituições de crimes famosos atraíam a atenção do público que lotava as salas de exibição do Rio de Janeiro (DUARTE, 2002, p. 32).

Aqui, o desenvolvimento da indústria cinematográfica já se iniciou com produções de vários curtas e longas-metragens com temáticas da vida cotidiana, que conseqüentemente chamaram a atenção do público para as apresentações destes, em salas de exibição. Porém, as

influências estrangeiras começaram a chegar no Brasil com a importação das grandes produções cinematográficas, passando a prejudicar o cinema brasileiro, que chegou à sua decadência e somente na década de 1920 é que se reergue.

Na época, as produções retratavam fatos do cotidiano carioca, principalmente casos policiais verídicos. Em 1912, Francisco Serrador, Antônio Leal e os irmãos Botelho se unem para criar filmes mais elaborados, com cerca de uma hora de duração. Nesse período, no cinema nacional era grande momento do jornalismo, com documentários e o cine jornais. A imprensa teve um papel importante para popularização do meio que, nos anos 1920, conseguem melhorar a qualidade da produção do cinema mudo, gradativamente houve avanços significativos no ramo cinematográfico (BOL, 2019).

Todavia, somente alguns estados fora do eixo Rio-São Paulo conseguem realizar algumas produções, são eles: Pernambuco, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Em 1930, surge, então, no Rio de Janeiro, a companhia Cinédia, idealizada por Adhemar Gonzaga, realizando produções nacionais eles ganharam novo impulso com as chanchadas.

Já, nos anos 40 o cinema brasileiro, assim como nos EUA, também teve iniciativas de industrialização. A ideia de fazer cinema com altos padrões, tal como eram feitos “nos grandes centros produtores, levou à fundação da Companhia Atlântida, que, em associação com a cadeia de exibição de Luiz Severiano Ribeiro, levaria às telas um número significativo de filmes, sobretudo ‘*chanchadas*’” (DUARTE, 2002, p. 34). Nessas produções se destacaram atores como Dercy Gonçalves, Grande Otelo, Oscarito, Zé trindade. Nesse contexto, o cinema brasileiro obteve grandes resultados em qualidades técnicas e na formação de profissionais de cinema, porém o retorno comercial era desanimador.

Após este período, Oscarito e Grande Otelo viram astros nacionais e o cinema falado abre novas perspectivas para o cinema nacional. Somente no período de 1950 a 1960, quando surge o estúdio da Vera Cruz, em São Paulo-SP, é que o cinema brasileiro é projetado para o mundo. Os diretores estrangeiros que aqui desembarcaram investiram primeiro no teatro e depois partiram para o cinema (PORTAL DA EDUCAÇÃO, 2019).

Assim, inicia a produção de filmes que propunham outra direção, porém a linha estética cultural era uma tentativa de cópia de Hollywood. Apesar da Cia. Vera Cruz ter uma produção de qualidade, faltava uma distribuição própria e salas para absorver a sua produção. Em oposição às produções paulistas e cariocas, surgem cineastas independentes que a partir da década de 1960, é o surgimento do Novo, movimento carioca que tem pela primeira vez uma estética artística nacional (BOL, 2019).

O período foi de intensa produção e premiação de nomes como os de Glauber Rocha, Serraceni, Ruy Guerra, entre outros. O grande marco do estilo foi Deus e o Diabo na Terra do Sol (1964), o mais importante filme de Glauber Rocha. Nessa época, Jose Mojica Marins, o Zé do Caixão, populariza no país o gênero do terror e havia ainda o Cinema Marginal, com uma estética sinistra foi marcado pelos Filmes O Bandido da Luz Vermelha (1968), baseado em fatos reais, dirigido e produzido por Spanzerla e Matou a Família e Foi ao Cinema (1969), de Júlio Bressane (PORTAL DA EDUCAÇÃO, 2019).

Outro grande destaque do cinema nacional no passado foi Amacio Mazzaropi, protagonizando em seus clássicos o arquétipo do caipira, uma espécie de jeca tatu do cinema. Um dado interessante sobre ele que foi o primeiro diretor, produtor e ator que ficou milionário no Brasil, seus filmes tinham por marcas registradas humor e a criatividade que lhe eram muito característicos. Sem sombra de dúvidas este foi um marco e seus filmes levaram multidões aos cinemas de bairros e das grandes metrópoles brasileiras.

Foi ano de 1969, em pleno regime militar, que o governo cria a Embrafilme com o objetivo de promover e controlar a indústria cinematográfica, garantido em lei espaço para os filmes nacionais nas salas comerciais e realizando financiamento público para as produções. Surge na capital paulista o movimento denominado Boca do Lixo, produzindo Pornochanchadas, filmes eróticos sem sexo explícito, até certo momento (PORTAL DA EDUCAÇÃO, 2019).

As produções eram de baixo custo e transformaram o centro de São Paulo num grande polo cinematográfico. No mesmo período, nasce o gênero de comédia infantil, que também alcança a televisão e leva milhões de espectadores ao cinema. Assim, os comicos Didi, Dedé, Mussum e Zacarias, integrantes do quarteto Os Trapalhões, ganham lugar de astros nas telas brasileiras (Ibidem, 2019).

Dona Flor e Seus Dois Maridos (1976) com direção de Bruno Barreto, foi a maior bilheteria do cinema nacional com 10 milhões de espectadores até o início anos 2000. No final da ditadura militar, o Brasil vivia uma grande crise econômica e a Embrafilme deixa de financiar os filmes nacionais, o que gera uma crise no mercado cinematográfica e consequentemente causa a diminuição da produção nacional.

Apesar dessa fase ruim, os anos 80, teve um saldo positivo. Em 1984 o rock nacional ganha a telona e Bete Balanço (1984, direção de Lael Rodrigues), desperta o interesse da massa jovem pelo cinema. E ainda o “curta metragem” Ilha das Flores (1989), de Jorge Furtado, é o vencedor do Festival de Berlim, sendo considerado uma das 100 mais importantes obras do Século XX. De acordo com (FIGUEIRÔA, 2004), a Década de 1990

teve a primeira eleição após o fim do regime militar e o governo fecha a Embrafilme e os órgãos públicos de cinema.

Tempos depois foi instaurada uma nova Lei do Audiovisual 8.685/93 que instituía a possibilidade de financiamento público de várias modalidades da arte por meio da renúncia fiscal, possibilitando patrocínio de pessoas físicas e jurídicas, com determinado limite. O período foi excelente para o cinema nacional com indicações e premiações para os principais festivais internacionais e Oscar. Em 1995, o *Quadrilho*, de Fábio Barreto, é indicado ao Oscar, sendo destaque nos festivais de Havana e Viña Del Mar (BOL. Origem do cinema).

Em 1997, o filme “O Que Isso Companheiro?”, de Bruno Barreto, é indicado ao Oscar. E, no ano seguinte, *Central do Brasil*, de Walter Salles, é o vencedor do Festival de Berlim e a atriz Fernanda Montenegro é indicada ao Oscar de melhor atriz com sua participação neste filme. Os anos 2000 continuam sendo festivos para o cinema brasileiro destaques para: *Cidade de Deus* (2002), com direção de Fernando Meireles; *Carandiru* (2003), de Hector Babenco, premiado no Festival de Havana; a *Tropa de Elite* (2008), dirigido por Jose Padilha que venceu o Festival de Berlim. (BOL, 2019).

3.2 Breve história do cinema em Alagoa Grande – PB.

O primeiro cinema de Alagoa Grande, “CINEMA BRASIL”, de Getúlio Cavalcanti de Albuquerque, alagoagrândense (que tinha cinema também em Campina Grande), foi instalado no ano de 1920, na chamada Rua da Areia, a partir de 1933 Cônego Firmino Cavalcante, no prédio onde se instalou a loja Impacto Modas, 860. Havia nas paredes do prédio, pinturas dos principais artistas da época, na sétima arte: Bill Elliot, Roy Rogers, Apollonio Cassidy, Tom Mix. As sessões eram acompanhadas por um grupo musical, composto de violino, piano, bateria. Funcionou até 1936 ou até 1937. Era época do cinema mudo. “No período do cinema mudo em nossa cidade, houve uma particularidade na propaganda de rua feita por crianças ou por adolescentes, que colocavam cartazes nas costas e saíam tocando bombos e anunciando os filmes. Elias Nóbrega de Araújo, era um deles, contavam meu pai” (FREIRE, 2002).

Ainda nos primeiros anos da década de 30, funcionou outro cinema mudo, o do Cônego Firmino Cavalcante de Albuquerque, Vigário local, na atual Rua Bom Jesus, nº 37, no prédio onde funciona a Secretaria da Igreja Católica (FREIRE, 2002).

Em 1937 ou em 1938, o comerciante do ramo de tecidos Francisco Agripino Cavalcanti de Albuquerque (Bido) irmão de Getúlio Cavalcanti estreou o primeiro cinema falado”, o “SANTA IGNEZ”, no prédio do teatro do mesmo nome (então com as atividades paralisadas), à base de energia elétrica extraída de um motor Deutz de Félix Guerra². O motor

quebrou e Bido comprou um motor a gás pobre, a Jorge Alemão. Encerrou suas atividades no início dos anos 40. Até o início de 1948, Alagoa Grande ficou sem sala de projeção para cinema (Ibidem, 2002).

Em 1948, o *alagoagrandense* Jose Barbosa de Lima (Juca da padaria), estreou o seu “CINE SANTA IGNEZ) com a exibição do filme norte-americano “ANOS DE TERNURA”, com “casa cheia”, tendo a película feito grande sucesso (FREIRE, 2002).

A inauguração do novo Santa Ignez aconteceu no dia de Santo Antônio. Em 1961, foi transferido para o prédio próprio à Rua Cônego Firmino Cavalcanti, mas com outro nome: “CINE SANTO ANTONIO”, onde, ao longo dos anos foram exibidos filmes do maior sucesso internacional, principalmente na década de 60: “ Os Dez Mandamentos, O Rei dos Reis, Ben-Hur, El Cid, Exodus, Cleópatra, Por Quem os sinos Dobram”, todos ganhadores de “OSCARs”, e muitas outras grandes películas. O Santo encerrou suas atividades em 1986 (FREIRE, 2002).

Em 1957, surgiu o “São Jose”, a Praça Coronel Elísio Sobreira, de propriedade de Benedito Costa, de Guarabira. Tempos depois ele vendeu o prédio e a máquina de projeção ao santa-ritense Toscano de Tal, que fundou o CINE SANTA ANA, anos após tendo sido substituído pelo CINE CLÁSSICO, do alagoa-grandense Paulo Lemos, que o vendeu para o conterrâneo Wilson queiros, voltando o nome de São José, que finalmente vendeu a Nilson de tal, conhecido como “Mestre”, natural de Remígio, que instalou o CINE ALAGOENSE (FREIRE, 2002).

O “São Jose”, também de grandes sucessos na Década de 1960 e ainda na década de 70, exibiu, “E o vento Levou...”, o maior sucesso do cinema em todos os tempos; Luzes da Ribalta”, “os Brutos Também Amam”, “Doutor Jivago”, entre outros. O Santa Ana, o Clássico e o Alagoense também exibiram grandes filmes (FREIRE, 2002).

A partir dos anos 1970, com a decadência econômica de Alagoa Grande e a influência da televisão (notadamente das novelas), os dois cinemas deixaram de exibir grandes filmes (salvo exceções), passando a exibições cada vez mais sem qualidades: Westerns italianos, Kung Fu, pornochanchadas (Ibidem, 2002).

O Alagoense resistiu até, até 1987, ficando cerca de três anos e meio alugado pelo “Mestre Nilson” ao alagoa-grandense Ademar Cabral (Balaio).

2 Felix de Araújo Guerra, alagoa-grandense que foi Prefeito e Deputado Estadual, qual comprou um moto DEUTZ para gerar energia elétrica na cidade de Alagoa Grande – PB.

Nessa última fase estreou também concorrência do videocassete em residências. Anos depois, as fitas alugadas (FREIRE, 2002).

Nos dias atuais não existe mais salas de cinema no município de Alagoa Grande, quando queremos assistir a algum filme nos deslocamos ao município de Guarabira ao cinema do Shopping Cidade Luz ou então ao município de Campina Grande ao cinema do Partage Shopping.

3.3. O contato com o cinema em minha infância.

Meu primeiro contato com o cinema foi no ano de 1982, aos 08 anos de idade. Esse fato deu-se em uma sessão de matinê e na qual estava sendo exibida uma produção das artes marciais do cinema chinês, com o “longa metragem” “A espada mágica do Kung Fu”. Ao chegar à entrada do Cine Santo Antônio fiquei maravilhado olhando os cartazes dos filmes, como não sabia ler ficava observando as imagens dos cartazes. Havia uma grande fila com pessoas comprando ingresso para assistir ao filme, ao entrar na sala de projeção fiquei admirado com o tamanho daquela tela gigante, sem contar que havia mais de mil lugares naquela sala de cinema e estava, completamente, lotada. O filme, foi fantástico, a multidão assoviando e gritando, iniciava-se o Canal 100 trazendo um jornalismo em resumo sobre todos os fatos ocorridos no país durante o mês.

Desse momento em diante é que comecei a frequentar os dois cinemas que existiram em Alagoa Grande-PB (Cine Santo Antônio e Cine Alagoense). Foi dessas minhas experiências com o cinema e o convívio social que surgiu minha paixão pela sétima arte, e desta forma tive acesso às formas de comunicação, seja o áudio e as legendas que representavam, para mim, o contato com a língua escrita, que foi facilitando o meu processo de alfabetização e gosto pela leitura.

Iniciando os estudos no primário que, hoje equivale ao Ensino Fundamental I na Escola Municipal do Ensino Fundamental Enéas Cavalcante e paralela a minha alfabetização, frequentava os cinemas sendo um complemento educacional e entretenimento que possuía na época, visto que é de conhecimento notório que as cidades interioranas do nosso nordeste brasileiro nunca ofereceram muitas formas de lazer para os seus habitantes.

Em 1983 tive a maior e melhor experiência com o cinema, quando a Rede Globo exibiu pela primeira vez na TV, em duas partes, aquele que seria meu filme preferido de sempre, o incomparável “**E o Vento Levou**” (1939), com os inesquecíveis Clark Gable e Vivien Leigh. Foi uma experiência fantástica, daquelas que você carrega para sempre em sua vida. Dali em diante eu não tive dúvidas que o cinema havia me conquistado. Os anos foram

passando, fui tendo contato com outras obras primas principalmente quando o Super Cine da Rede Globo exibiu todos os sábados uma série de clássicos que incluíam além de **“E o Vento Levou”** (desta vez inteiro), épico como **“Bem-Hur”** (1959), **“O Poderoso Chefão”** (1972), **“Quo Vadis”** (1951), **“Spartacus”** (1960), **“Cleopatra”** (1963), entre outros. Sem dúvida foi a melhor época do cinema na TV brasileira.

Foi uma época de bastante afinidade com a Sétima Arte, comecei a anotar o nome dos filmes que assistia, comecei a decorar os nomes dos atores e diretores, passei a analisar melhor as produções, com olhos mais atentos. Também comecei a fazer associações com as datas dos filmes, surgindo o momento em que comecei a ver o cinema também de forma analítica e crítica. Nesse período, nossa TV já era colorida, mas ainda dependíamos dos canais abertos para assistir filmes. Os filmes já não eram mais clássicos (estes começaram a ser exibidos apenas depois da meia-noite), contudo, ainda havia muita coisa boa pra se ver. Em 1988 começou a ser exibida a sessão ‘Tela Quente’ nas segundas-feiras da Rede Globo na TV aberta, cujo primeiro filme de estreia foi **“Star Wars – Episódio VI – O Retorno de Jedi”** (1983), e na semana seguinte **“Os Caçadores da Arca Perdida”** (1981). Foi uma época muito fértil na TV brasileira. Curiosamente, nessa época fui pouco ao cinema, tendo visto filmes como **“Uma Cilada Para Roger Rabbit”** (1988), **“Os Fantasmas se Divertem”** (1988) e **“Batman”** (1989).

Em 1994, tive os primeiros contatos com filmes em VHS, através de um amigo tinha um vídeo cassete e que me emprestava o aparelho. Mediante isso, nos reuníamos para assistir ao excelente filme **“A lista de Schindler”** (1993). Vimos também o filme **“Jurassic Park”**. Foi em 1995 que comprei meu próprio aparelho de “Vídeo Cassete” (que tenho guardado até hoje). A partir daí, não parava de alugar filmes em “vídeos locadoras”, já que era a forma de maior contato com as mais variadas películas cinematográficas que passamos a ter na época. Toda semana meus amigos e eu, íamos escolher dezenas de filmes e revezávamos, devolvendo-as nas segundas-feiras. Durante a semana eu estava na escola e nos fins de semana mergulhava nesse mundo, eram momentos de ansiedade para tais descobertas através da tela, histórias, sons, imagens, lições eram absorvidas em cada filme. Em 1988 ganhei de presente o VHS original de **“A Lista de Schindler”**, mas infelizmente com o passar dos anos a fita danificou-se. Nessa época eu colecionava a (hoje extinta) revista **SET** que tratava de críticas, novidades e bastidores do cinema. Hoje, com um clique no computador ou celular é possível ter o mundo do cinema aos seus olhos. Mas, as revistas de alguma forma eram melhores, sem tantas informações e *spoilers* (termo estrangeiro utilizado para revelar o enredo de uma estória) que estragariam o prazer em ver um filme. Nas redes sociais fui conhecendo

novas pessoas que viraram amigos, seja de grupos de cinema, sejam de outros grupos ou simplesmente adicionando e sendo adicionados, muitos deles são amigos até hoje.

Atualmente, quando me perguntam se o cinema perdeu sua essência, se ele perdeu suas qualidades, minha resposta é negativa, pois temos boas produções sendo lançado anualmente. Bons filmes estão sendo exibidos e muitos ainda estão por vir. O cinema continua indo bem em minha concepção. Sabemos que estamos cada vez mais caminhando ainda para um cinema de maior consumo, um cinema que pensa em grandes lucros e bilheterias astronômicas. Entretanto, muitos filmes com grande bilheteria não serão meros passatempos, eles têm qualidades e não merecem serem menosprezados.

4. CINEMA E EDUCAÇÃO

A escola como instituição social, foi criada para ser o meio de desenvolver conhecimentos acumulados pela humanidade, onde o conhecimento se sistematiza e é construído de maneira que se aprendem valores morais, para depois serem aplicados no dia a dia e distribuídos por extensão. A escola é considerada lugar de ensino e de aprendizagem. Se tomada em sentido mais amplo, situações de ensino e aprendizagem sempre existiram, ainda que não vinculadas diretamente ao uso do cinema e antes mesmo de a educação se sujeitar à pedagogia, criando situações próprias para seu exercício.

É oportuno, ainda, identificar que os principais traços do cinema como fenômeno cultural que marcou o Século XX, sem ser reducionista, e refletir sobre sua utilização adequada como recurso pedagógico, requer fundamentalmente um grande esforço para uma tarefa que pode resultar em se considerar o espaço permitido para a escrita em tela.

Através das décadas o cinema vem reforçando valores, formando consciências, às vezes, misturando vida e ficção, possibilitando uma viagem pelo tempo, remetendo ao passado, antecipando o futuro, permitindo viajar a lugares distantes, conhecer pessoas e culturas diferentes. Mais ainda, é possível experimentar emoções e sensações causadas por situações que não vivenciamos na vida real. Para Giroux:

Pais e professores podem tomar os filmes animados da Walt Disney como matéria de discussão e reflexão. Mais do que veículos de entretenimento, fantasia, emoção, eles estão vendendo produtos, e ensinando valores, por isso devem ser considerados como sérios locais de aprendizagem e, portanto, podem e talvez devam ser incorporados no currículo escolar como objetos de conhecimentos social e análise crítica, os filmes podem ser utilizados de forma transdisciplinares (GIROUX, 2011, p. 144).

O cinema constitui-se em um dos variados modos de expressão cultural da sociedade industrial e tecnológica contemporânea. A relação entre cinema e educação, seja no contexto da educação escolar ou da educação informal, é a parte da própria história do cinema. Desde os primórdios das produções cinematográficas, produtores e diretores de cinema o consideravam como uma ferramenta para a instituição, educação e reflexão humana, por isso percebe-se os altos custos investidos.

Cabe frisar que a relação entre cinema e conhecimento excede a educação formal. O cinema em relação ao conhecimento pode ser localizado no campo da imagem e da edição das imagens, em primeiro lugar, mas também envolver outros elementos como o som. Considerando-se a gama de saberes apresentados nos filmes, é possível transcender a simples utilização do cinema como estimulação audiovisual ou como uma ilustração da realidade. Para o campo da educação e da didática, a reflexão e a investigação sobre como os filmes, as imagens e os estímulos audiovisuais educam as pessoas e influenciam seu imaginário. Para isso deve-se partir de uma análise sob um prisma sociocultural para se construir uma didática que identifique e discuta as questões ideológicas e satisfatória.

Para haver junção entre cinema e educação deve-se realizar uma análise fidedigna da mensagem cinematográfica aliada ao contexto educativo. O professor deve auxiliar o aluno, funcionando como elo entre o que o cinema proporciona e o conjunto de conhecimentos a serem construídos.

É comum alguns educadores denominarem “educativos” apenas filmes cuja temática tem relação direta com os conteúdos e capacidades desenvolvidas no contexto escolar, importante que tenham intenções formativas e didáticas bem definidas. Também é comum a utilização do termo “filme educativo” relacionado a filmes instrucionais, que têm a finalidade de assessorar ou suprir parcial ou totalmente a função desempenhada pelo professor. Essas duas situações constituem um reducionismo que limitar a utilização do cinema como instrumento didático-pedagógico. Qualquer filme retrata o pensamento e a criação humana em um determinado modelo social e momento histórico e, portanto, educa a quem o assiste, gerando uma reflexão, uma impressão sobre o mundo e causando emoções diversas.

O uso do cinema como ferramenta de ensino e aprendizagem oportuniza focar os aspectos culturais, históricos, literários e políticos, proporcionando uma visão integral do cinema enquanto mídia educativa. A introdução de novas estratégias de desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem é basilar para a inovação pedagógica e adequação às mudanças sociais, com o objetivo de proporcionar uma formação integral aos cidadãos. Nesse

contexto o cinema se torna uma ferramenta educacional repleta de potencialidades ao constituir-se em um meio de contribuir para a mudança social.

O cinema, enquanto mídia educativa possui relevante potencial pedagógico uma vez que é muito mais fácil, tanto para uma criança, quanto para um adulto, absorver informações advindas de estímulos audiovisuais. O filme auxilia o professor a romper com o modelo tradicional de aula baseada na explanação, podendo servir tanto para expor conteúdos quanto para ilustrar conceitos e demonstrar experiências. Como mostra Napolitano:

[...] os filmes podem ser abordados conforme os temas e conteúdos curriculares das diversas disciplinas que formam as grades do ensino fundamental e médio, tanto público como particular. [...] além de propor alguns temas que podem ter um enfoque interdisciplinar, sem falar nos temas transversais definidos pelos PCNs, que encontram material abundante no argumento, no roteiro e nas situações representadas nos filmes (NAPOLITANO, 2003, p. 18).

Esta forma de abordar o cinema na escola é algo que alguns teóricos não concordam, ou ao menos, colocam ressalvas. Esta ação reduziria a arte cinematográfica enquanto área de conhecimento específica a um simples suporte facilitador para outros componentes curriculares como acontece muitas vezes com as outras artes nas instituições educacionais.

Napolitano (2006), apesar de apresentar em seu livro, várias possibilidades do cinema enquanto instrumento, afirma que “[...] seria interessante que o professor não se limitasse à história do filme (o que está sendo narrado), mas que tentasse abordar alguns aspectos da linguagem cinematográfica (como está sendo narrado, por exemplo)” (2006, p. 38, grifo do autor). Já teóricos como Alain Bergala (2008), sobre a prática de instrumentalização do cinema nas salas de aula, diz que tal procedimento “[...] consiste em escolher os filmes e assisti-los unicamente em função da possibilidade de explorar seus temas nas aulas de história ou de literatura” (2008, p. 38). Ele não vê pontos positivos nestas ações.

4.1. Cinema nas escolas: aspectos legais.

Ensinar cinema (e aprender) na escola significa encontrar, experimentar, transmitir uma forma de arte (BERGALA, 2008, p.31). Outras já estão presentes neste ambiente: as artes cênicas, as artes visuais e a música; inclusive, respaldadas juridicamente. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), as artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o Componente Curricular Arte (Lei nº 13.278/2016).

Assim “[...] a disciplina Arte deverá garantir que os alunos conheçam e vivenciem

aspectos técnicos, inventivos, representacionais e expressivos em música, artes visuais, desenho, teatro, dança, artes audiovisuais” (FERRAZ e FUSARI, 2010, p.22). Segundo as duas pesquisadoras, o cinema está presente na disciplina Arte enquanto expressão artística audiovisual. A primeira sanção desta lei data de 1996 e, como expõe Ana Mae Barbosa (2008, p. 13):

A aprendizagem de Arte é obrigatória pela LDB no Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Contudo, algumas escolas estão incluindo a Arte apenas numa das séries de cada um desses níveis porque a LDB não explicitou que este ensino é obrigatório em todas as séries. No caso do Ensino Médio, algumas Secretarias de Educação estão usando o subterfúgio da interdisciplinaridade, e incluem todas as Artes na disciplina de Literatura, ficando tudo a cargo do professor de Língua e Literatura. Essa é uma forma de eliminar as outras linguagens da Arte, fazendo prevalecer o espírito educacional hierárquico da importância suprema da linguagem verbal e conseqüente desprezo pela linguagem visual.

Assim, embora a LDB tenha tornado obrigatório o ensino de artes na escola não evidenciou quais os níveis da educação deveriam ter acesso a este conhecimento ou quais linguagens exatamente deveriam ou não ser apresentadas. Isto acabou por privilegiar algumas linguagens em detrimento de outras. A lei atualizada enfatiza que as quatro áreas artísticas pertencem ao Componente Curricular Arte, sem haver qualquer hierarquia entre elas. Apesar disso, ela ainda não estabelece que cada linguagem da arte deva ser ensinada por professores de suas áreas artísticas específicas, dando margem à criticadas de práticas de polivalência. Ou seja, um professor com formação em teatro deve lecionar obrigatoriamente as quatro linguagens. Ainda recentemente, a Lei 13.415 de 16 de fevereiro de 2017, trouxe novas questões sobre o ensino de artes, sobretudo, no Ensino Médio.

Mesmo tendo havido muitas confusões e possíveis propostas de retirada da disciplina de Arte do currículo escolar, sua presença permanece obrigatória na educação básica como é explicitado no parágrafo 2º do artigo 26 da Lei 13.415 de 16 de fevereiro de 2017 (BRASIL, 2017). O cinema não está presente em uma disciplina própria, no entanto, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Arte, ele deve ser visto dentro do programa, mais especificamente, de artes visuais:

As artes visuais, além das formas tradicionais (pintura, escultura, desenho, gravura, arquitetura, artefato, desenho industrial), incluem outras modalidades que resultam dos avanços tecnológicos e transformações estéticas a partir da modernidade (fotografia, artes gráficas, cinema, televisão, vídeo, computação, performance) (BRASIL, 1997, p. 45).

Neste caso, o ensino dos conteúdos do cinema enquanto arte, contemplando seus aspectos estéticos, técnicos, culturais, sociais, faz parte, ou ao menos deveria, da disciplina de artes visuais.

Ainda de acordo com a LDB, em 26 de junho de 2014, foi sancionada a lei que torna obrigatória a exibição aos alunos de, no mínimo, duas horas de filmes de produção nacional. Desta forma, o cinema se apresenta como Componente Curricular Complementar integrado à proposta pedagógica da escola (Lei nº 13.006/2014).

4.2 A importância do cinema como uma forma de conhecimento sobre o mundo.

É sabido que a experiência cinematográfica encanta multidões e provoca diversas reações. Percebe-se o cinema como lugar de experiência de novas interações e construtor de novos paradigmas, que transformam a maneira dos sujeitos se apropriarem do mundo. Diante das exigências sociais, o cinema foi se aperfeiçoando e evoluindo e passa hoje por uma experiência globalizada. Podendo acontecer numa diversidade de situações, encontros e movimentos e são intensas as transformações na sua relação com a tecnologia, trazendo mudanças nos receptores e na dinâmica dos espaços. Exige dos expectadores novos aprendizados para a sua fruição, por isso, na atualidade, é importante que a escola proporcione aos alunos o contato e a oportunidade de aprendizagem com a linguagem cinematográfica, pois é um recurso didático, moderno e eficaz. Para Araujo (1995):

O cinema mostrou que, antes de ser uma arte, é um aparelho mecânico que capta a realidade e, através dessa captação, nos permite conhecê-la melhor. Tal como se desenvolveu, sobretudo a partir dos anos 40 até hoje, o cinema apresenta-se como uma arte-meio, que nos permite conhecer melhor o mundo em que vivemos, na medida que retrata com fidelidade aspectos dele (ARAÚJO, 1995, p. 11).

Concordamos com o autor quando este sugere que o cinema pode nos auxiliar na leitura da realidade. Entretanto, não podemos nos esquecer do caráter tendencioso que envolve a produção fílmica.

Nesse processo, formador de experiência e fazeres, o cinema permite ampliar os significados, contribui para a criação do gosto e de novos saberes, por meio das mediações simbólicas das novas configurações sócio-históricas. Assim, compreendendo que os universos reais e fictícios projetados na tela simulam contextos e cenários que retratam valores individuais e coletivos, estes poderão refletir sobre a formação e a relação das crianças com o cinema a partir do espaço escolar e em que condições o consumo do cinema se estabelece, de

que forma ocorre essa cultura cinematográfica e como experimentar o cinema para além do suporte pedagógico das disciplinas.

Contudo, percebemos que essa dinâmica requer uma construção de uma vivência cultural escolar do cinema que faz pensar, entendendo seu papel formador. O cinema precisa ser visto como o momento de encontro com outro, que gera questionamento sobre o conhecido, instituindo novas formas de se perceber a realidade trazendo novos caminhos para ser viver experiências antes desconhecidas. A perspectiva pedagógica do cinema nos possibilita uma experiência significativa para os sujeitos da escola, para professores, dispostos a vivenciarem com crianças e jovens outras formas pedagógicas, de se fazer e produzir conhecimentos, que rodeiam a criatividade, a satisfação, o divertimento e outros afetos. O cinema é um local de socialização, onde de forma gregária, todos assimilam de forma particular, ideias e novas maneiras de compreender o mundo, através dos filmes.

4.3. Cinema enquanto prática educativa: ensinando e aprendendo novas lições.

No dia a dia em ambiente escolar, faz-se necessária a adoção de diferentes metodologias para envolver nosso aluno. No entanto, alguns questionamentos são feitos quando se fala em como agregar o cinema à prática docente? Ou que títulos podem ser utilizados? E, também, o trabalho com cinema pode ser interdisciplinar?

A partir destas indagações é necessário esquematizar todas essas questões de maneira a evocar no momento em que o cinema aponta como um recurso pedagógico e há predisposição do professor em utilizá-lo em sua prática podendo, para isso, seguir alguns passos sugeridos por Romagnani (2008):

Primeira etapa - Escolha e seleção do filme: o tema que aborda deve se adequar ao nível de aprendizagem/compreensão da turma; a escolha deve levar em conta a real possibilidade daquele filme contribuir para o ensino da matéria. Isso só será garantido se o professor assistir e estudar com antecedência o mesmo, pois o título somente não orientará o trabalho docente;

Segunda etapa - Planejamento: delimitação de objetivos, conteúdos envolvidos; também há que se considerar que, além dos recursos materiais necessários (local próprio, maquinário), existe o espectador – aluno, que deverá ser preparado para assistir ao filme, recebendo orientações prévias sobre e como acontecerá a atividade;

Terceira etapa - Exibição: tempo do filme exibido dentro do horário de aula, com material em condições para a sua veiculação. Há escolas com infraestrutura para a exibição de

filmes, mas, há, também, a possibilidade de se estabelecer parcerias com instituições que tenham condições para isso. O tempo de exibição do filme (longa, curta, documentário) pode influenciar na concentração da turma, que será total se o filme for interessante para eles;

Quarta etapa - Debate: a discussão após a exibição é uma forma do educador avaliar a aprendizagem. Debates, seminários, são estratégias que o professor pode lançar mão como estímulo ao debate e a participação do aluno.

Motivado, o educador também motivará seu aluno à participação, podendo assim dar prosseguimento à atividade. A plateia que se reúne em uma sala de cinema é para nós, educadores, os alunos em sala de aula. É importante então que o educador agregue o recurso à sua aula, pois assim como o cinema é interessante na veiculação de temática que os chamam a atenção é também uma forma de proporcionar uma visão de um tema em pauta, que pode ser considerado também de forma interdisciplinar.

4.4. A Pedagogia e o cinema: novos elementos em cena

O cinema não possui uma disciplina própria na educação brasileira. No entanto, ele é também uma linguagem artística, além de um veículo de comunicação de massa como já abordamos. Vimos também que a arte cinematográfica está presente nos PCN de artes visuais. Uma outra forma de relacionarmos ele à educação é por meio da Lei 13.006/2014, que torna obrigatórias duas horas mensais de conteúdo cinematográfico nacional nas escolas como mencionamos em um tópico anterior.

Para conceituar de forma mais clara essa ideia de Pedagogia do cinema, precisamos ir ao encontro da origem do termo pedagogia. Na Grécia Antiga, a palavra pedagogia era a ação de acompanhar o jovem estudante à escola (GHIRALDELLI JR., 2006). O incumbido dessa função era o *paidagogo*, um escravo específico. Já o conceito contemporâneo de pedagogia surge de três correntes: a francesa (Émile Durkheim), a alemã (Johann Friedrich Herbart) e a americana (John Dewey). A primeira enxerga a pedagogia como um elemento utópico de contestação à educação vigente. Durkheim ainda faz uma distinção do termo “educação” e “ciências da educação”. Enquanto educação diz respeito à transmissão da experiência e de um patrimônio cultural a uma geração mais nova, as ciências da educação são as áreas do conhecimento (sobretudo, a sociologia e a psicologia) que auxiliam ao processo educativo. Já a corrente alemã de Herbart considera a pedagogia uma ciência da educação, fundamentada na psicologia. A corrente americana compartilha preceitos próximos à alemã, no entanto, ela liga a pedagogia à filosofia. “Pedagogia, filosofia e filosofia da educação, na concepção

Deweyana, tornam-se, em alguma medida, sinônimos” (ibid., p. 9). Assim, as concepções contemporâneas de educação utilizam alternada ou conjuntamente essas três definições de pedagogia: utopia educacional, ciência da educação e/ou filosofia da educação.

Como conceituar o que seria uma pedagogia do cinema? Pensar nisso é acreditar que o cinema, nos seus muitos significados (arte, entretenimento, indústria, linguagem), tem muito a contribuir no processo de ensino/aprendizagem do ser humano. Além disso, podemos encarar essa pedagogia como uma ciência recente da educação, ainda em construção, que versa sobre os conteúdos do cinema passíveis de serem aprendidos/ensinados, seja na educação básica, profissional ou superior. Como um campo epistemológico novo, não devemos isolá-lo de outros como a arte/educação ou a mídia-educação. Contudo, devemos ir em busca de pensamentos específicos relacionando o cinema à educação, sem que este novo campo precise tomar emprestado conceitos de outras linguagens como as artes visuais, a televisão, o teatro, o rádio, a música etc., e seus respectivos processos de ensino/aprendizagem na escola.

Além disso, apesar de uma área nova de conhecimento, vemos também que existe uma boa quantidade de pensadores voltados propriamente à pedagogia do cinema, é o caso de Alain Bergala, Adriana Fresquet, Rosália Duarte, Marcos Napolitano, Cezar Migliorin. Apesar destas recentes implantações de leis educacionais contemplando a junção cinema/educação, deste aumento no número de experiências e pesquisadores, a presença do cinema na educação também não é tão nova como pensamos.

Fantin (2006) afirma que “é comum observarmos os filmes, usados na escola, como pretexto para o desenvolvimento de certas atividades, sobretudo com crianças, que após assistirem ao filme devem desenhar, escrever, dramatizar [...]”. Para a pesquisadora, isto não representa necessariamente um problema, já que o cinema possui um grande potencial pedagógico nos processos de aprendizagem.

Por fim, gostaríamos de deixar claro que, independente de como é realizado a fruição e a prática do cinema na escola, ela vem acontecendo. E os benefícios que esta presença pode trazer aos estudantes são inúmeros, seja enquanto meio ou fim. Quanto ao fato do cinema conseguir ilustrar determinados conteúdos das diferentes disciplinas, apesar das ideias contrárias de alguns, lembremos que nos preceitos da mídia educação, além de educarmos para os meios e através deles, também o fazemos com eles. Não podemos negar a capacidade da imagem, sobretudo, a cinematográfica, de acessar partes do cérebro e da memória que outros métodos utilizados na sala de aula não são capazes com a mesma eficácia.

5. CONCLUSÃO

A pesquisa concluída por meio deste estudo, embora que este tema ainda permita diversas interpretações, especialmente na relação cinema e educação, visando à capacidade de pensarmos o cinema como transformador da realidade e aquele que facilita o contato com outras culturas nos fazendo considerar que o cinema como fenômeno social que nos auxilia a entender o percurso histórico cultural da infância.

Nas leituras bibliográficas evidenciamos a importância e os alcances do cinema como recurso didático e pedagógico no contexto da sala de aula. Contudo, apesar dos poucos avanços registrados no que se referem às iniciativas de projetos e programas voltados para este fim, a implementação da Lei nº 13.006, de 26 junho de 2014 (BRASIL,2014) que sanciona a obrigatoriedade do cinema nas escolas de Educação Básica, no Brasil, já é um passo na direção do acesso a este bem público que precisa ser posto em prática nas instituições escolares.

Acerca da problemática que destaquei neste estudo, constatei, através da pesquisa, que mesmo sendo possível e bastante promissor o uso do cinema nas escolas, ainda são tímidas as propostas de pedagógicas contemplem o ensino baseado no cinema. E, sabendo que os professores são os grandes mestres nessa jornada de articular cinema e educação, a escola precisa ser palco para a implementação dessa cultura na sala de aula.

Para tanto, é necessário que os docentes tenham mais conhecimento sobre o assunto para que torne realidade à aplicação eficaz a legislação do cinema nas escolas. No entanto, é preciso elucidar que não deve ser atribuído nenhum tipo de culpa aos docentes, visto que é necessário que o estado proporcione aos docentes bases formativas adequadas para como um dos requisitos para a efetivação desta política. As universidades também precisam cumprir este papel, reformulando seus Projetos de Cursos, para que os graduandos sejam habilitados para esta atuação.

É bom ressaltar que no Enem desse ano 2019 o tema redação foi a “Democratização do acesso ao cinema no Brasil”, onde conseguimos considerar que o tema em sua totalidade permeia a realidade de muitos brasileiros, inclusive da população paraibana que apenas 1,2 % da sua população têm acesso ao cinema. Com isso, alguns alunos nas diversas partes do Brasil conseguiram falar das suas próprias experiências, ou no caso, a falta dela com relação ao conhecimento não apenas dos filmes, mas também do cinema no seu contexto principal, como sendo mais uma necessidade para o desenvolvimento cultural do docente, e lembrando como ainda temos dificuldade em pleno século XXI em alcança-la mesmo que existam leis que

deveriam contribuir para que a sociedade tivesse um acesso maior a cultura seja qual for dentro do país.

Por fim, reafirmo que o estudo deste tema, além de relevante para a área da educação, foi gratificante para minha formação como professor e pedagogo, pois, no decorrer da pesquisa, constatei que ainda tenho muito a aprender e descobrir. Isso porque, a graduação, por mais completa que seja, não nos ensina tudo. Ficou evidenciado a necessidade incorporar novas experiências e vivências como o cinema, por exemplo.

Por fim, espero que este estudo contribua para novos aprofundamentos, bem como para que a contribuição do cinema chegue à escola como direito à cultura e ao conhecimento universal, possibilitando a discussão sobre a linguagem cinematográfica e o cinema como produção industrial e cultural.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Inácio. **Cinema: o mundo em movimento**. São Paulo: Scipione, 1995.
- BARBOSA, Ana Mae. (Org.). **Ensino da arte: memória e história**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.
- BRASIL. Decreto nº 21.240, de 4 de abril de 1932. Nacionalizar o serviço de censura dos filmes cinematográficos, cria a Taxa Cinematográfica para a educação popular e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, RJ, 4 abr. 1932.
- _____. Lei nº 4.117, de 27 de agosto de 1962. **Institui o Código Brasileiro de Telecomunicações**.
- _____. Decreto-lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967. Complementa e modifica a Lei número 4.117 de 27 de agosto de 1962. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 28 fev.
- _____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 30.006**. Brasília: 2014.
- _____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 13.278**. Brasília: 2016.
- _____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº13.415**. Brasília: 2017.
- _____. Ministério da educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Terceira versão. Brasília: MEC, 2017.
- BOL. Origem do cinema. In: **Mundo Educação**. (2019). Disponível em: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/origem-cinema.htm>. Acesso em: 11.02.2019
- DUARTE, Rosália. **Cinema e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- DUARTE, Rosália. et. al. **Produção de sentido e construção de valores na experiência com o cinema**. In: SETTON, Maria da Graça Jacintho, *Org. A cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação*. São Paulo: Annablume: Usp, 2004. p.37- 52.
- FANTIN, Mônica. **Crianças, cinema e mídia-educação: olhares e experiências no Brasil e na Itália**. 2006. Tese (Doutorado) apresentada à Universidade de Federal de Santa Catarina.
- FREIRE, José Avelar. **Alagoa Grande: sua história de 1625 a 2000**. 2. ed. Revista e aumentada. João Pessoa: A União, 2002.
- GIROUX, H. A disneyzação da cultura infantil. In: SILVA, T.T, MOREIRA, A. F. (Orgs.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

MORIN, Edgar. **O cinema, ou O Homem Imaginário**: ensaio de Antropologia Sociológica. Relógio D'águas editores, 1997.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

PENSADOR. Disponível em: https://www.pensador.com/frases_sobre_cinema/. Acesso em: 11. 02. 2019

PORTAL DA EDUCAÇÃO. Origem do cinema brasileiro. **Portal da Educação**. (2019). Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/origem-do-cinema-brasileiro/53260> Acesso em: 11.02.2019.

ROMAGNANI, Patrícia. **Cinema em cena**. Revista A&E: Atividades e Experiências. Curitiba, n. 4, p . 45, 01 Set. 2008. Mensal.